Em Tese, Belo Horizonte, v.11 , p. 69-74, dez. 2007

Às bordas do Velho Continente: a Europa Centro-Oriental sob o viés dos Estudos culturais

Leonardo Francisco Soares

Resumo

A Europa Centro-Oriental configura-se como uma região peculiar, um caleidoscópio de povos, religiões, culturas e, obviamente, línguas. Um espaço feito de fronteiras ariscas e mutáveis, que a cada guerra se deslocam e mudam de nome, reúnem-se e se separam, desaparecem... Um território dialógico por excelência. Nesse sentido, este ensaio esboça uma leitura dessa Outra Europa sob a perspectiva dos estudos comparados.

Palavras-chave: Estudos culturais. Europa Centro-Oriental. Identidade.

> No verão de 1958 o autor visitava tranqüilamente o Museu Histórico e Geográfico da Filadélfia quando, ao voltar-se um pouco para a direita, avistou de repente um púcaro búlgaro. [...] Como toda gente, também ele sempre ouvira falar, desde a mais tenra infância, sobre púcaros e sobre búlgaros – mas sempre achando que se tratava apenas de um jogo de palavras ou, na melhor das hipóteses, de personagens de conto de fadas, tão reais quanto as aventuras do barão de Münchausen. Nunca lhe passara pela cabeça que, numa esquina qualquer do mundo, de repente lhe pudesse aparecer pela frente um búlgaro segurando um púcaro, ou então um púcaro com um búlgaro dentro, ou ainda e muito menos um púcaro simplesmente búlgaro...
>
> Campos de Carvalho, *O púcaro búlgaro*.

Um púcaro búlgaro com data (século XIII a.C.), etiqueta (dinastia Lovtschajiik) e tudo (sala 304-B, ala direita), sob a guarda da bandeira norte-americana! (CARVALHO, 2002, p. 311-312). Eis o acidente *geonomástico* que leva o narrador-personagem do livro de Campos de Carvalho a propor uma expedição à Bulgária para conferir com os próprios olhos se o "amorável" país de fato existe. Na narrativa desconcertante de Campos de Carvalho, na qual o *nonsense* impera, tudo termina em uma partida... de pôquer.

Tomo a premissa do romance de Campos de Carvalho como termo de comparação para minha relação inicial com a Outra Europa, a Europa Centro-Oriental, se é que ela existe. Ao longo dos anos, vários foram os meus encontros com púcaros búlgaros, que nos espreitam nas encruzilhadas de diferentes economias significantes – muitas vezes travestidos de *Três cantos fúnebres para o Kosovo*, de Ismail Kadaré, *Um túmulo para Boris Davidovitch*: sete capítulos de uma mesma história, de Danilo Kiš, *A*

exposição das rosas: duas novelas, de István Örkény, *Antes da chuva*, de Milcho Manchevski, *Underground* – mentiras da guerra, de Emir Kusturica, *Um olhar a cada dia*, de Theo Angelopoulos, entre outros disfarces cheios de consoantes. Nesses encontros, devido ao estranhamento, "espanto geonomástico", também fui assaltado pela nebulosa questão geográfica e ontológica a respeito da existência das bordas de lá do "velho continente".

A última década do século XX, por sua vez, viu aumentar o número de publicações, traduções, narrativas fílmicas e literárias, a circulação de imagens e referências à Europa Centro-Oriental. Na verdade, poucas áreas foram alvo de tanto interesse e cobertura jornalística quanto a península balcânica.[1] Tanto no Brasil quanto em outros países do dito Ocidente, esse recrudescimento do interesse por essa parte do mundo, a sua alta visibilidade, ao longo da década de 90 do século passado, estavam relacionados a um fator negativo: os conflitos bélicos que se desencadearam, nesse período, na região – mais especificamente, na ex-Iugoslávia.

Ao longo de um dos seus estudos sobre a cultura da Europa Centro-Oriental, Dina Iordanova (2001) afirma que representações dessa região tornaram-se um componente integral do escopo da mídia devido a uma atração desse "olhar ocidental" para as questões da guerra, da violência, da pobreza, ou seja, o "nosso" interesse na região sustentava-se, sobretudo, na fascinação pelo espetacular e pelo catastrófico em *terras estrangeiras*. Apesar de certo truísmo que permeia a afirmação, essa mostra contornos mais interessantes quando se constata que, com a mesma rapidez com que ganhou os meios de comunicação, a Europa Centro-Oriental caiu na "marginalidade" do dia-a-dia da mídia, sendo suplantada, respectivamente, pelo Afeganistão, em seguida, pelo Iraque e, para chegar aos dias em que escrevo este ensaio, pelo Líbano e Irã. Outra coisa que tornava premente o interesse pelos acontecimentos na região dos Bálcãs, na última década do século passado, era, como salienta José Augusto Lindgren Alves (2004, p. 5), o fato de a península se encontrar "no continente europeu, por definição branco e civilizado, abrigando, ainda por cima, as ruínas e monumentos (não apenas no território da atual República Helênica) a recordarem que ali o Ocidente nasceu".

As implicações da circulação e re-circulação das imagens da Europa Centro-Oriental no "extremo Ocidente" configuraram-se como uma das questões que atravessaram as minhas pesquisas de doutorado e, certamente, indicam os riscos e os efetivos perigos envolvidos neste trabalho. Afinal, o meu interesse pela literatura e o cinema advindos desses territórios intensifica-se exatamente em meio à voragem de imagens, desejos, repressões, investimentos e projeções de um "olhar ocidental", incontestavelmente conduzida – como o periscópio com o qual Marko, personagem central do filme *Underground*, de Emir Kusturica, controla o porão – pelo epicentro cultural americano-ocidental, que, desde a Segunda Guerra Mundial, assumiu a posição hegemônica antes ocupada por uma "cultura européia soberana".

Assim, como a personagem do romance de Campos de Carvalho, que, diante do desafio atirado acintosamente pela "poderosa máquina de propaganda ianque", lança-se ao "grande propósito" de verificar se a Bulgária existe (CARVALHO, 2002, p.312), talvez tenha sido esse encontro com uma Outra Europa – "com data, etiqueta e tudo", e também sob a proteção da bandeira dos Estados Unidos – que viria detonar, em mim, dúvida semelhante a respeito da Europa Centro-Oriental.

Ao longo do investimento brutal dos meios de comunicação na questão dos conflitos nos Bálcãs, alguns antigos clichês voltaram à tona e ganharam força, moldando uma espécie de representação média da Europa Centro-Oriental, mesmo dos

países não envolvidos diretamente em combates. Esses clichês, conforme salientado por Slavoj Žižek, em artigo de 1996, poderiam ser divididos em dois grupos. Em primeiro lugar, no que tange ao conflito específico na Bósnia, se assistiu a uma demonização dos sérvios, a partir de uma pública condenação da Sérvia em contraposição a uma compaixão pela Bósnia. Esse mesmo mecanismo de "demonização", a insistência em se culpar uns e inocentar outros, é denominado por Dina Iordanova de "endocrinização midiática" (2001, p. 168-169). Nesse sentido, os sérvios eram percebidos como invisíveis guerreiros e vencedores, enquanto os bósnios eram confinados ao papel de vítimas sofridas. Nas palavras de Slavoj Žižek (1996):

> [...] o principal empenho do Ocidente é manter imperturbável esse enquadramento fantasmático sublinhado. [...] A verdade sobre a tal "demonização dos sérvios" reside na fascinação com suas vítimas, percebida claramente através das posturas do Ocidente para com imagens horrendas de cadáveres mutilados, de crianças feridas e chorando, etc. (http://www.ntticc.or.jp/pub/ic_mag/ic018/intercity/zizek_E.html, tradução minha)

Devido às guerras na ex-Iugoslávia, no final do século XX, uma verdadeira "expedição" de repórteres partiu para cobrir os acontecimentos. Para explicar o que estava acontecendo na região, tornou-se lugar comum recuperar pelo menos quinhentos anos de história dos Bálcãs, com sua mescla de guerras, religiões e conflitos étnicos. Em conseqüência, um outro clichê jornalístico ganhou predominância: aquele de que os povos dos Bálcãs, cooptados pelo redemoinho de mitos históricos – perigosamente lidos ao pé da letra –, seriam deterministicamente fadados à violência, à atrocidade e ao horror das guerras. Armados com "testemunhos tópicos e algumas noções históricas decoradas no caminho" (ALVES, 2004, p. 8), correspondentes de uma infinidade de veículos de comunicação produziram obras de análise dos acontecimentos que desenhavam a região como um mítico cenário de paixões primordiais e eternas, um espaço de horrores étnicos e de intolerância, sobre os quais nada se poderia fazer. Esse "vórtice de paixão étnica" – uma usual representação dos Bálcãs – seria herança, como muitas vezes as vozes deixavam entrever, de um patrimônio despótico, bárbaro, oriental, ortodoxo, muçulmano e comunista.

Tinha-se configurado, portanto, nesse estado de coisas, um exemplar caso de "Balcanismo". A expressão, utilizada por Slavoj Žižek (1996), é uma referência direta ao conceito de "Orientalismo" desenvolvido por Edward Said (1992; 2001). Em sua reflexão, Said parte do pressuposto de que o Oriente não é um fato inerte da natureza, mas encontra a sua significação, *no* e *para o* Ocidente, a partir do pensamento, da imagística e do vocabulário que são legados por essa mesma "entidade geográfica ocidental". Além disso, "a cultura européia ganhou em força e identidade comparando-se com o Oriente como uma espécie de identidade substituta e até mesmo subterrânea, clandestina" (SAID, 2001, p.15). De certa maneira, a região da Outra Europa ocuparia também esse *locus*, de que fala Edward Said, como um eterno espaço sobre o qual a Europa Ocidental projeta seus fantasmáticos conteúdos. Com humor e ironia, em outro artigo, Slavoj Žižek (1999) desenha a situação do seguinte modo:

> Se se pergunta: onde começa a região dos Bálcãs? Sempre se diz que a região começa lá embaixo, para o sudeste. Para os sérvios, a região dos Bálcãs origina-se no Kosovo ou na Bósnia, onde a Sérvia está tratando de defender a civilização da Europa cristã frente ao avanço do Outro. No que se refere aos croatas, os Bálcãs começam na bizantina Sérvia, terra ortodoxa e despótica, contra a qual a Croácia preserva os valores democráticos do Ocidente. Muitos italianos e austríacos crêem que os Bálcãs originam-se na Eslovênia, posto avançado do Ocidente, de multidão eslava. Muitos alemães vêem a Áustria como contaminada com a corrupção e ineficiência balcânica, para muitos do norte da Alemanha, a católica Bavária não está livre da contaminação balcânica. Muitos franceses arrogantes

> associam a Alemanha com a brutalidade dos balcânicos do Leste, falta-lhes a *finesse* francesa. Finalmente, para alguns britânicos opositores da União Européia o continente europeu é uma nova versão do Império Turco, com Bruxelas como a nova Istambul – um despotismo voraz a ameaçar a liberdade e a autonomia britânicas. (http://www.lrb.co.uk/v21/n06/zize01 .html, tradução minha)

Sem a garantia de sucesso, uma outra tentativa de compreensão dos acontecimentos da última década do século XX, na região dos Bálcãs, é possível. A conformação da Europa Centro-Oriental ao contrário do "Estado-nação moderno" (HOBSBAWM, 2002, p. 9-61), que se afirmara a partir do pressuposto da homogeneidade cultural organizada em torno de valores ditos universais, seculares e individualistas liberais, é culturalmente heterogênea. Objeto da conquista, dominação e influência de três diferentes impérios – Otomano, Austro-húngaro e soviético, para ficar nos últimos quinhentos anos –, a região sempre foi, de formas distintas, multiétnica e multicultural. Como adverte Stuart Hall:

> Os sistemas coloniais de monocultura do mundo ocidental, os sistemas de trabalho semi-escravo do Sudeste da Ásia, da Índia colonial, assim como os vários Estados-nação conscientemente fabricados a partir de um quadro étnico mais fluido – na África, pelos poderes colonizadores; no Oriente Médio, nos Bálcãs e na Europa Central, pelas grandes potências – todos se ajustam mais ou menos à descrição multicultural (HALL, 2006, p. 53).

Com o fim do velho sistema imperial europeu, vários Estados-nação, multiétnicos e multiculturais, foram criados, sem a modificação de condições anteriores de convivência e de existência sob o domínio dos antigos impérios. Fronteiras inventadas, comunidades imaginadas: uma variedade de tradições étnicas, culturais e religiosas tendo que "imaginar" uma mesma relação com a terra de origem, que elaborar a mesma natureza de seu "pertencimento", que "inventar tradições" que fornecessem bases para uma identidade nacional, "una", "primordial" e "indivisível" (ANDERSON, 1993; HOBSBAWM; RANGER, 1984). Com o fim da Guerra Fria, efeitos semelhantes aos do desmantelamento dos velhos sistemas imperiais seriam causados. O esfacelamento, pós-1989, da União Soviética como formação transétnica e transnacional foi seguido pela tentativa, liderada pelos Estados Unidos da América, de construir uma nova ordem mundial. Para Stuart Hall: "uma característica desse impulso foi a pressão contínua do Ocidente, destinada a arrastar, contra sua vontade e da noite para o dia, aquelas sociedades tão distintas e relativamente subdesenvolvidas do Leste Europeu para o que se chamou de 'o mercado'" (HALL, 2006, p. 55). Em conseqüência dessa *projeção* da lógica – envolvimento cultural, político e social – do mercado para o interior de culturas e constituições políticas antigas, problemas pendentes e emergentes relacionados ao desenvolvimento social somaram-se ao ressurgimento de traços antigos de nacionalismos étnicos e religiosos não-resolvidos, levando ao conflito sob a forma multicultural. Ainda segundo Stuart Hall, ao analisar os acontecimentos na Europa Centro-Oriental, na última década do século XX:

> É importante frisar que esse não é um simples ressurgimento de etnias arcaicas, embora tais elementos possam persistir. Traços antigos se combinam com novas e emergentes formas de "etnicidade", que freqüentemente resultam da globalização desigual ou da modernização falha. Essa mistura explosiva revaloriza seletivamente os discursos mais antigos, condensando numa combinação letal aquilo que Hobsbawm e Ranger (1993) denominaram "a invenção da tradição" e o que Michael Ignatieff (1994) chamou (depois de Freud) de "narcisismo das pequenas diferenças" (HALL, 2006, p. 55).

Essa digressão, que brevemente descreveu a problemática da Europa Centro-Oriental no período pós-1989, não teve como objetivo firmar nenhuma verdade

definitiva sobre uma identidade plena, pura e íntegra da Outra Europa, isenta da "projeção" ocidental. A proposta foi, tendo como pano de fundo o mal-estar causado pela marginalização da Outra Europa, na última década do século passado, enfatizar a importância de se pensar processos específicos de construção de identidades, a partir dos dispositivos que os estudos comparados são capazes de oferecer. As perspectivas abertas pelos Estudos culturais ressaltam uma certeza, a de que configurar a possibilidade de produção de conhecimento a partir de um modelo único de ciência, como única forma possível de *saber*, significa, hoje, atrelar as disciplinas, científicas ou não, a uma forma estreita e reducionista de produção de sentido sobre a realidade. Afinal, a realidade, como objeto de perquirição, não se deixa apreender como porção, indivisível, mas se pluraliza e escapa a qualquer tentativa de capturá-la, sobretudo, quando, na contemporaneidade, impõe-se uma outra dificuldade, a carência de uma certa establilidade de leituras e interpretações prévias e de conseqüências mais ou menos mensuráveis.

NOTAS

[1] Procura-se aqui, na medida do possível, não *confundir* as noções de Europa Centro-Oriental e de Bálcãs e outras correlatas. Entretanto, as questões "geonomásticas" entre o Danúbio e o estreito de Dardanelos são bastante tensas. Trata-se de uma "cartografia imaginada", que projeta, nas linhas de mapas que querem cobrir "pontualmente" o espaço físico, obscuros antagonismos ideológicos.

Résumé

L'Europe de l'Est configure une région particulier, un kaléidoscope de peuples, de religions, de cultures et, evidemment, des langues. Il s'agit d'un endroit formé de frontières farouches et qui changent, puisque à chaque guerre ces frontières là se déplacent et changent leurs noms; elles se joignent et se séparent; elles disparaissent... C'est un territoire naturellement dialogique. Dans ce sens là, cet essai ébauche une lecture de cette Autre Europe sous l'optique des études comparées.

Mots-clés: Études Culturelles. Europe de l'Est. Identité.

Referências

ALVES, José Augusto Lindgren. Nacionalismo e etnias em conflito nos Bálcãs. *Lua Nova*, São Paulo, n.63, p. 5-37, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452004000300002&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 set. 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Trad. Eduardo L. Suárez. México: Fondo de Cultura Econômica, 1993.

ANTES da chuva. Direção: Milcho Manchevski. São Paulo: Lumière, 1994. 1 fita VHS (115 min.), son., color., legendado. Tradução de: Pred dozhdot.

CARVALHO, Campos de. *O púcaro búlgaro*. In:_____. *Obra reunida*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. p. 307-382.

HALL, Stuart. *Da diáspora*: identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invensão das tradições*. Trad. Celina Carim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (Pensamento crítico, 55).

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*: programa, mito e realidade. 3.ed. Trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

IORDANOVA, Dina. *Cinema of Flames*: balkan film, culture and the media. London: BFI Publishing, 2001.

KADARÉ, Ismail. *Três cantos fúnebres para o Kosovo*. Histórias traduzidas do albanês por Jusuf Vrioni; Trad. Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

KIŠ, Danilo. *Um túmulo para Bóris Davidovitch*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

UM OLHAR a cada dia. Direção Theo Angelopoulos. São Paulo: Mundial Filmes, 1995. 1 fita VHS (175 min.), son., color., legendado. Tradução de: To vlemma tou Odyssea.

ÖRKÉNY, István. *A exposição das rosas*: duas novelas. Trad. Aleksandar Jovanovic. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. (Coleção Leste).

SAID, Edward W. O orienalismo revisto. Trad. Heloisa Barbosa. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

SAID, Edward W. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

UNDERGROUND – mentiras da guerra. Direção: Emir Kusturica. São Paulo: Mundial Filmes, 1995. 1 fita VHS (169 min.), son., color., legendado. Tradução de: Underground – Bila jednom jedna zemlja.

ŽIŽEK, Slavoj. *Underground*, or ethnic cleansing as a continuation of poetry by other means. *InterCommunication*: a journal exploring the frontiers of art and technology, Tóquio, n. 18, Autumn 1996. Disponível em: <http://www.ntticc.or.jp/pub/ic_mag/ic018/intercity/zizek_E.html>. Acesso em: 01 ago. 2006.

ŽIŽEK, Slavoj. 'You may!'. *London review of books*, London, v. 21, n. 6, 18 mar. 1999. Disponível em: <http://www.lrb.co.uk/v21/n06/zize01_ .html>. Acesso em: 03 set. 2006.